

(Re)pensando alguns elementos do ato de ler

Leonel Maciel Filho

UNICAMP. Doutor em Educação pela UNICAMP

Este artigo foi elaborado a partir da tese de Doutorado *Sobre a(s) leitura(s) dos métodos musicais: da mimese ao estilo*, desenvolvida desde 1999 na Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, dentro do grupo de pesquisa ALLE (Alfabetização, leitura e escrita), sob orientação do Prof. Dr. Ezequiel Theodoro da Silva e com apoio da CAPES.

Ao longo da pesquisa foi possível constatar um paradoxo entre a imagem que os alunos possuem em relação ao ato de ler e o que ocorre quando os alunos praticam suas leituras: realizam atos de criação em cada leitura dos métodos e peças musicais, todavia acreditam que o ato de ler envolveria um suposto resgate de significados depositados no texto pelo autor.

Um dos problemas que poderiam surgir a partir desse paradoxo é um sentimento de inferioridade e/ou impotência do leitor diante de um texto, pois este acredita ser incapaz de “entender aquilo que o autor escreveu” ou não “conseguir resgatar o pensamento do autor no texto”.

Numa tentativa de reverter tal sentimento de incapacidade ou inferioridade do leitor que detém uma imagem de leitura como resgate de significados, o que se pretende é sugerir algumas reflexões quanto ao ato de ler, repensando tal atividade em três momentos: a questão do leitor, do texto e do ato da leitura.

Repensando o leitor

O leitor não mais deve ser um fragmento solto, mas estar devidamente conexo com seus objetos de leitura(s), inserido em determinado tempo e espaço, estabelecendo seus projetos, transformando-se, situando-se no mundo e portando-se como humano, não somente buscando, mas principalmente atribuindo significados.

Deve ser o leitor um ser temporalizado, capaz de herdar, incorporar, modificar seu tempo, humanizar o mundo, fazer sua cultura e sua história. E ao fazer sua história, o leitor é chamado a assumir seu papel: se anteriormente era ingênuo, irá se perceber como personagem que se ignorava e então despertará criticamente.

Esse “novo” leitor assume, com a colaboração de outros leitores, a sua função de sujeito de sua história. Não se pode mais falar em leitores neutros que resgatariam os signi-

ficados dos textos, mas leitores responsáveis que se configuram como sujeitos. Pela reflexão, leitores descobrem-se e conquistam-se em suas destinações históricas.

Em suas relações de homem com a realidade, o leitor dá continuidade ao movimento dialético em seus atos de (re)criação ao decidir suas leituras; acrescentando algo naquilo que é o fazedor, fazendo cultura ao temporalizar seus espaços. O leitor é desafiado e responde a esse desafio. Não há mais imobilidade na conformação das épocas históricas: o que existe é um conquistar da forma humana desse leitor enquanto sujeito.

Da mesma forma como o autor, o leitor está marcado pela sua inserção social, entrando no processo com as condições histórico-sociais que o caracterizam. Terá o leitor sua identidade de leitura configurada por seu lugar social, lugar que se define como a “sua leitura”. Qual tecer um tapete, cada leitor vai entrelaçando os significados pessoais de suas leituras com os vários significados acumulados do texto ao longo de sua história. Leitores e textos têm suas histórias de leitura. O leitor em contato com um texto “novo” converge para o significado deste o significado de todos os textos que leu. Conhecendo as interpretações recebidas pelo texto, o leitor assume seu papel no jogo e aceita ou recusa tais interpretações, sobrepondo a elas interpretações frutos de seus diálogos com o texto, com outros textos e consigo mesmo.

Cada leitor tem sua própria marca, seu estilo. Cada um, a partir de seu ponto de vista histórico, tem necessariamente seu próprio mundo de compreensão e experiência historicamente condicionado no qual interage. Esse mundo não é idêntico ao mundo do outro: é uma visão de realidade que não se repete. Todavia, de forma paradoxal, são essas diferenças que devem permitir as compreensões, por vezes transpondo enormes distâncias temporais e mentais; são as diferenças que, em vez de concorrerem para horizontes condicionados e limitados, fecundam campos para que pontos de vista diversos entrem em mútua relação e possibilitem florescer “outras leituras”.

Ao produzir um texto, a interpretação não é exclusiva ao leitor, tampouco não há uma autoridade suprema do autor em relação ao texto que escreve. No exercício de uma reinterpretação em que os leitores apossar-se-ão do texto e tornar-se-ão sujeitos de suas leituras, poderão escrever outros significados. A leitura é um produto da época em que é realizada, fruto também de outras leituras e das convicções dos diferentes leitores.

Nessa perspectiva, ao questionar um suposto caráter de imutabilidade dos significados e não mais considerar a relação leitor/texto como neutra e pacífica, mas uma verdadeira batalha pelo poder do significado, fruto da interpretação de um sujeito vis-à-vis o tempo e espaço onde está inserido, cabe-nos a tarefa de fazer com que, como eternos leitores-aprendizes, sejamos capazes de perceber o caráter ativo dos leitores como produtores e responsáveis pelos significados realizados quando travamos diálogos com os textos para vivificá-los. Jamais podemos exercer um papel de meros espectadores nessa prática social e cultural que é o processo de leitura. Devemos sim, sempre questionar, refletir e escutar outras leituras para que possamos repensar e reaprender o infindável processo de ler.

No contexto de sala de aula, procurará o professor, em seus discursos e em sua(s) leitura(s), expor (e expor-se) possíveis sentidos, deixando lacunas para a manifestação dos alunos como sujeitos. É o espaço onde “o outro” pode construir sua possibilidade de sujeito. Deverá o professor ouvir o texto e “o outro”.

Cabe ao aluno exercer uma capacidade de questionamento e até discordância em relação ao que lhe é apresentado. Poderá, através disso, se constituir como ouvinte e agente ao propor diálogos. Recusará a fixidez do dito e a fixação do seu lugar como ouvinte; recusará um papel de estagnação.

Repensando o texto

O texto deverá ser considerado não mais um invólucro imutável de significados e idéias, mas algo que é apagado em cada grupo em determinado período para ceder seu lugar a outro(s) texto(s) e outra(s) leitura(s). Poderá um “mesmo” texto multiplicar-se em tantos textos quantas forem as leituras realizadas, constituindo cada leitura um novo texto, produto de variadas determinações da produção dessas leituras. Os textos não são lacunas que devem ser preenchidas pelos leitores, mas existe algo de incompleto nos textos: o discurso instala intervalos; não é um produto finito, algo fechado em si, mas constitui-se por relações interativas que se instalam na(s) leitura(s).

A leitura assume seu papel de fundamental importância como instrumento de acesso a uma herança cultural. Não há mais um resgate de significados supostamente depositados nas obras escritas, mas uma forma de o leitor situar-se no mundo e com o mundo, recriando sua(s) nova(s) leitura(s).

Toda leitura vincula-se ao horizonte a partir do qual os leitores relacionam-se com os textos. Toda vez que tornamos a ler os textos poderão ocorrer novos diálogos. Se existe uma nova situação histórica, poderá ser novo o que é falado. As perguntas são e deverão ser novas tanto quanto possível. Os textos devem ser vistos com a perspectiva desse novo contexto: amplia-se e renova-se a plenitude de seus sentidos. Ainda que o autor tivesse plena consciência de seus pensamentos manifestados no sentido de seu texto, é impossível a correspondência com o pensamento do autor. Poderiam existir leituras previstas para um texto, porém tal previsão não é absoluta, pois sempre há possibilidade de novas leituras. As leituras não são possíveis por si mesmas, mas em relação às suas histórias. Para cada tempo e contexto, o texto é ponto de partida para conteúdos e relações de sentidos sempre novos. Existem determinações históricas que fazem com que só alguns sentidos sejam lidos e outros não, mas em todo caso as diferentes perspectivas com as quais se observa um objeto dão origem a vários outros objetos com suas propriedades e características.

As mais diversas formas textuais multiplicam as possibilidades de conhecimento dos leitores, ao mesmo tempo que ampliam o leque de alternativas de leituras do mundo, permitindo aos leitores inserirem-se e tomarem parte no mundo da escrita.

Não é possível esgotar o texto, ou seja, atingir de forma perfeita e plena o conteúdo de seus sentidos, tampouco penetrar na tradição histórica e cultural efetivando-a em plenitude. Mas ao mesmo tempo que nossa experiência do mundo é sempre limitada, nunca é fechada. O leitor não pode apreender extensivamente a realidade total, mas só consegue compreendê-la em aspectos parciais. Tal limitação faz parte da essência da experiência humana. O mundo de experiências nunca é fechado, mas aberto a experiências e intuições. A partir de diferentes leitores e leituras, a obra escrita torna-se ponto de partida para uma ampla gama de significados.

É através das obras escritas que o leitor pode fazer com que as palavras de seu mundo existam. O leitor é capaz de saber e poder “ler sua leitura”. E ao “ler sua leitura”, num esforço de totalização que nunca se acaba, o leitor é levado a assumir com responsabilidade seu papel de sujeito, aprendendo a instaurar e humanizar seu mundo. Dessa forma, a obra escrita não é formada somente com palavras que apenas designariam coisas. É significante no mundo e com o mundo; não é só pensamento, mas uma prática através da qual o mundo é transformado. É através de um diálogo com o texto que o leitor pode abrir sua consciência para o mundo. A obra escrita não é invólucro de significados; se assim fosse seriam as leituras impessoais e repetidas.

O que é lido nas obras escritas é o que se encontra no cotidiano dos leitores, ganhando significado no mundo e com o mundo do leitor. O texto pode possuir vários pontos de entrada: as posições dos sujeitos. Também possui o texto vários pontos de fuga: as diferentes perspectivas de atribuição de sentidos. Tendo várias portas para poder entrar, o leitor produz leituras que podem ir em direção a várias outras portas para sair. Esses caminhos a percorrer não são necessariamente calculáveis, organizados ou previsíveis.

No contexto de sala de aula, talvez o grande problema a enfrentar seja derrubar o mito do texto como objeto de cultuação, senhor de ser do tempo, objeto incômodo e desinteressante para sujeitos que na maioria das vezes não pediram para estar ali. De tal conflito de interesses talvez venha o gosto amargo e desenredo nas relações escolares entre leitores e textos. Não existem soluções milagrosas para apaziguar tal conflito. Aquelas que assim prometem podem somente estabelecer uma harmonia apenas aparente, apenas velando o desencontro de leitores e textos.

Uma saída talvez possa ser propor aos alunos atividades de leitura que passem necessariamente pelos significados mais amplos do texto: não consiste naquilo que o texto diz, mas na maneira que diz o que diz. O texto deverá ser um ponto gerador de atividades que levem os alunos a observarem os procedimentos importantes na atribuição de significados ao texto.

Nesta imagem de leitura, crio outro(s) texto(s), interfiro e, com a arma da leitura como criação, conquisto o texto escrito que também é meu e tem minha identidade. Ou o texto muda algo em nossa vida, dando ao nosso mundo algum sentido, ou não tem sentido algum.

Repensando a leitura

A leitura envolve o saber desvelar e elaborar as possibilidades de significação de um texto. No apropriar-se do texto há a sua descontextualização e uma nova contextualização. Há necessariamente a existência de diálogo. Devemos elaborar perguntas ao texto a partir do nosso modo de ver-o-mundo e traduzir o texto a partir de nosso mundo de compreensão. O texto deve novamente se configurar em outro contexto, em nosso mundo; e esse reconfigurar é imanente à interpretação.

A leitura é uma possibilidade de reflexão e recriação. É um caminho que se abre à existência do homem para que possa atribuir outros e novos significados. O aprendizado da leitura envolve uma anterior aprendizagem de ler o mundo e seus contextos. O significado, qual o conhecimento humano, é limitado, fragmentário e abrange somente parcela da realidade.

Há um caráter de provisoriedade nessa atribuição de significados: o significado é “adequado” até quando vai de encontro às expectativas de um determinado grupo de leitores no seu cotidiano. O que seria o “mesmo” objeto, na verdade poderia ser visto e compreendido sob múltiplos aspectos, por mais opostos que pudessem parecer.

O leitor como ser crítico deve reagir, problematizar e questionar os textos, fazendo com que sua leitura seja ouvida e partilhada. Deve existir um compromisso com a transformação da realidade e a humanização do mundo. Os leitores, através da reflexão e transformação da realidade, devem formar os referenciais e os significados indiciados nos textos, encontrando novas possibilidades de existência no mundo e com o mundo.

Essas relações entre homem e mundo são marcadas pela pluralidade. Os desafios são variados e não são esgotados em um tipo padronizado de resposta. Existe um constante jogo das respostas humanas, mesmo em relações aparentemente mais simples: o leitor, por sua criticidade, organiza-se, escolhe a resposta mais adequada, testa e age como quem faz uso de uma ferramenta. O leitor já não capta os dados de seu contexto de forma reflexa. O leitor é ativo ao olhar para os textos e perguntar pelo(s) sentido(s) deles, ao conhecer-se e compreender-se pelos textos, ao decidir e tomar posição. Dessa forma, o leitor realiza seu mundo e amplia seu horizonte de compreensão. Numa interação entre os locutores é instaurado o espaço de uma discursividade. Leitores e autores confrontam-se e definem-se em suas condições de produção e o processo de leitura é configurado a partir dessas condições de produção.

Ao fazerem suas opções pelos significados, os leitores são cada vez mais desafiados a transformarem sua realidade. Essa realidade deve ser percebida não como algo estático, mas como um processo de transformação incessante e permanente, em que os textos se constroem e se dissolvem em outros textos. Leitores e textos estão irremediavelmente imersos em certo tempo e espaço, não temendo riscos. O mundo já não é mais imposto ao leitor para quem só restaria a adaptação, mas é uma batalha a ser dominada e formatada pela

ação transformadora desse leitor. Nessa relação entre o leitor e texto em que se problematiza, desvela e até mesmo transforma a realidade, emergem consciências para inserir criticamente os leitores no mundo.

Não há uma pré-existência do texto à sua leitura, e leitura não é aceitação passiva, mas ativa desconstrução e reconstrução. A leitura desencadeia um processo de interação na qual é constituído o texto e os sentidos se recolocam a cada momento de forma fragmentada e múltipla.

O ato de ler pode ser uma das principais formas de questionamento do ser humano. É caminho para sua tomada de consciência: pela interpretação, há o compreender-se do leitor no mundo através de suas decisões e seu comprometimento. Cada leitor passa a existir e ganhar sua individualidade à medida do desvelar e do vivenciar dos significados mediados por seu mundo.

O ato de ler é um ato político, de conhecimento e criadores. Cabe-nos, portanto, assumir essa opção política e sermos coerentes com ela, na prática. E essa prática, essa ação humana, deverá ser marcada pela reflexão e criticidade. O refletir do homem e seu lugar no mundo, sobre o mundo, sua ação no e com o mundo. O ato de ler não é algo externo e desligado do homem, mas é dele mesmo: sai dentro dele, pois por ele é criado.

Poderíamos propor que “aprender a ler” significa, em última instância, aprender a produzir significados a partir dos textos, significados esses que sejam aceitos pelo tempo e pelo espaço no qual o leitor está inserido, cabendo-lhe conhecer a concepção que criou tal texto e saber lidar com as regras estabelecidas para a leitura desse texto. Dessa forma, o sucesso da leitura dependerá do grau de conhecimento do leitor sobre o seu tempo e espaço, do conhecimento do autor que pretende ler e da maior prática como leitor de um determinado tipo de texto.

No processo de aprendizagem da leitura deve existir muita leitura, busca de informações, pesquisas e constante atualização acerca de suas teorias e estudos, a fim de que o leitor possa melhor refletir e compreender a origem desse processo, reunindo subsídios que possam solucionar as questões teóricas/práticas sobre leitura, tendo sempre presente um olhar crítico aliado a uma insaciável curiosidade.

Em de sala de aula, ainda que imerso em um ambiente onde a prática de leitura é dirigida, limitada e no mais das vezes afastada da realidade, deverá o professor “remar contra a maré” no sentido de empenhar-se para modificar as condições de produção da leitura dos alunos, propiciando-lhes a possibilidade de construir suas próprias histórias de leituras e estabelecer relações entre textos, cuidando para que determinadas leituras previstas não sofram um processo de petrificação, mas que possam propiciar o máximo de novas leituras possíveis.

Se a leitura deste artigo puder principiar um questionamento da prática de leitura daqueles que lidam com as mais variadas possibilidades de linguagem, este trilhar não foi em vão.